

Avaliação do Ensino: Ferramenta para o aprimoramento do trabalho docente

Arnaldo Lemos Filho¹
Isabel Cristina Dib Bariani²
André Luis Bordignon³
Carlos Marshal França⁴
Claudia Lucia Trevisan⁵
Ivan Granja⁶
Kátia Regina Martini Rodrigues⁷
Márcia Pereira Bueno⁸
Elisabete Matallo M. de Pádua⁹

Minha mãe cozinhava exatamente: arroz, feijão roxinho, molho de batatinha. Mas cantava (Adélia Prado, 1987).

O Sistema de Avaliação da Educação Superior (SINAES) apresenta orientações e recomendações sobre o desenvolvimento dos projetos de Avaliação Institucional. Tais processos avaliativos devem se tornar cada vez completos para que seus resultados sirvam de subsídio para o planejamento e implantação de mudanças no cotidiano acadêmico e administrativo das Instituições de Educação Superior (IES), priorizando

a participação e os interesses da sociedade (CASTANHEIRA: CERONI, 2007) Nesse sentido, a instauração de processos avaliativos pelas IES é considerada de extrema relevância, pois tais iniciativas são essenciais não só para as reformas educacionais, mas também para as transformações da sociedade.

Conforme sustentam Meyer Júnior e Barbosa (2006), no processo de análise qualidade do

¹ Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP, Professor da Faculdade de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CCHSA)

² Doutora em Educação pela UNICAMP, Professora da Faculdade de Psicologia do Centro de Ciências da Vida (CCV)

³ Mestre em Engenharia da Computação pela UNICAMP, Professor da Faculdade de Análise de Sistemas do Centro de Ciências Exatas Ambientais e Tecnológicas (CEATEC)

⁴ Especialista em Gestão Universitária Modelos e Políticas pela PUC-Campinas, Professor da Faculdade de Administração do Centro de Economia e Administração (CEA)

⁵ Mestre em Educação pela PUC-Campinas, Professora da Faculdade de Publicidade e Propaganda do Centro de Linguagem e Comunicação (CLC)

⁶ Mestre em Engenharia Elétrica pela UNICAMP, Professor da Faculdade de Análise de Sistemas do Centro de Ciências Exatas Ambientais e Tecnológicas (CEATEC)

⁷ Doutora em Engenharia de Alimentos pela UNICAMP, Professora da Faculdade de Nutrição do Centro de Ciências da Vida (CCV)

⁸ Doutorado em Tocoginecologia pela UNICAMP, Professora da Faculdade de Medicina do Centro de Ciências da Vida (CCV)

⁹ Doutora em Filosofia e História da Educação pela USP, Coordenadora do Núcleo Técnico de Avaliação da PUC-Campinas. Dados obtidos em documento eletrônico disponível em <http://intranet.puc-campinas.edu.br>. Acesso em 05-07-2011.

desempenho institucional, a área acadêmica constitui-se em uma das que têm maior importância, com destaque particular para a avaliação do trabalho acadêmico desenvolvido pelos professores.

Embora os processos de avaliação do desempenho do docente sejam práticas institucionalizadas e recorrentes, nem sempre são desenvolvidos com as mesmas finalidades, ora atendem a interesses de políticas autoritárias, ora são meramente somativos e não interferem no processo em andamento (CASTANHEIRA; CERONI, 2007; MENDES *et al.*, 2009). A avaliação do professor “deve ser concebida como uma força positiva em vez de uma intrusão negativa e pode ser feita com objetivos múltiplos de desenvolvimento da instituição, do estudante e do próprio docente” (ABRANTES; VALENTE, 1999, *apud* MENDES *et al.*, 2009, p. 5).

Um mundo caracterizado por mudanças econômicas, tecnológicas, políticas, sociais e culturais, por crescente competição e cada vez mais globalizado, está impondo às IES enormes desafios na forma de ensinar e de avaliar os resultados deste processo. Ao dar ênfase à avaliação do professor, num primeiro momento da avaliação docente, afirma-se que o professor é a principal fonte do conhecimento sistematizado. Esse conhecimento, além das dimensões do senso comum e da ciência, tem de ser crítico (MEYER JUNIOR; BARBOSA, 2006).

Santos (2010) lembra que todo conhecimento crítico deve começar pela crítica do conhecimento. Daí a necessidade de uma ruptura de paradigma, na busca de uma nova maneira de se fazer ciência. Rodrigues, Barbosa e Blois (2006) destacam que existe ainda um paradigma dominante, fundamentado no positivismo, que tem o professor como dono da verdade, dono do saber, dono do julgamento, com um saber distanciado do social. E também condicionado pelo mercado do trabalho e não pelo mundo do trabalho. A avaliação do ensino torna-se um instrumento extraordinário para esta ruptura, pois leva o professor a rever seu modo de ensinar. Sua proposta de ensinar não pode se resumir na dimensão da regulação de uma trajetória do caos

para uma ordem dominante, mas também na dimensão da emancipação em que o outro é elevado da condição de objeto à condição de sujeito que passa a ser o foco das preocupações e finalidades do saber.

A Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), desenvolve, desde 2007, o projeto Avaliação do Ensino, criado para atender às exigências legais do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES). Sobre tudo, são finalidades da Avaliação do Ensino diagnosticar, redefinir metas e acertar rotas para manter a missão da PUC-Campinas de proporcionar um ensino de qualidade, garantindo a formação integral de um cidadão crítico e atualizado em relação às necessidades sociais e às exigências profissionais.

A Avaliação do Ensino - cujo escopo abrange as atividades dos docentes, da gestão e das condições de ensino - é realizada semestralmente por estudantes e, bianualmente, por professores. Os instrumentos de avaliação são disponibilizados para serem respondidos *on-line*, por meio do portal da Universidade e todos os alunos e professores são convidados a participar voluntariamente. Após cada período de avaliação, os resultados são liberados *on-line* para as diretorias e para os professores.

De acordo com Polidori, Fonseca e Larrosa (2007), para algumas IES, a avaliação institucional pode estar sendo efetivada apenas para atender às exigências postas. Em outras a avaliação é pontuada e exibida em um quadro público muitas vezes constrangendo professores. No entanto, outras instituições têm utilizado a dinâmica e os mecanismos propostos para se autoconhecerem e se autogerirem. Esse é o caso da Instituição em foco, em que o projeto “Avaliação do Ensino” tem como meta fornecer subsídios para a gestão e a reformulação dos projetos pedagógicos e para a reflexão por parte dos professores sobre sua prática docente.

A partir de 2012, foi implantado um novo modelo de análise da série histórica de resultados obtidos com os alunos, o qual foi criado pelo Grupo de Trabalho (GT) ‘Avaliação do Ensino’ (descrito

por LEMOS *et al*, no prelo). Esse método faz a proposta de transformar os dados quantitativos das avaliações semestrais em dados qualitativos, enfatizando a qualidade do trabalho docente em sala de aula. Trabalha-se com cinco categorias – 1. plano de ensino da disciplina; 2. desenvolvimento da disciplina; 3. avaliação da aprendi-

zagem; 4. formação do aluno; 5. postura do professor - e delas foram extraídos 19 aspectos incorporados nas questões, conforme pode ser visualizado no Quadro 1. Destaca-se que, ao longo do tempo, o questionário passou por reformulações na sua redação, no entanto, a essência dos elementos avaliativos foi preservada.

Quadro 1 - Categorias e Aspectos Preservados na Série Histórica

Categorias	Aspectos
1 - Plano de Ensino da Disciplina	1 – Apresentar e Discutir o Plano da Disciplina 2 – Cumprir o Plano da Disciplina
2 - Desenvolvimento da Disciplina	3 – Organizar 4 – Ter habilidade de ministrar o conteúdo adequadamente e atingir seus objetivos. 5 – Ter domínio do Conteúdo 6 – Fazer exposição lógica e clara 7 – Ministrar uma boa aula 8 – Fazer uso de procedimentos metodológicos e/ou recursos didáticos diversificados 9 – Desenvolver a interdisciplinaridade 10 – Ter diálogo/perspectivas com a realidade
3 - Avaliação da Aprendizagem	11 – Fazer uma a valiação coerente da aprendizagem do aluno 12 – Fazer proposição e/ou adoção de critérios de avaliação processual
4 - Formação do Aluno	13 – Dar incentivo à autonomia intelectual do aluno 14 – Dar contribuição para formação integral do aluno
5 - Postura do Professor	15 – Fazer exigência 16 – Ter liderança 17 – Ter postura ética e de respeito na relação professor-aluno 18 – Ter presença às aulas (Assiduidade) 19 – Ter pontualidade

Os gráficos resultantes da aplicação desse modelo estabelecem um referencial visual que permite o imediato reconhecimento tanto das situações de excelência como de cenários de atenção, traduzindo-se em um mecanismo de rápida consulta e identificação por parte dos gestores e professores. (Exemplares desses gráficos podem ser visualizados no portal da Universidade, na página da Avaliação do Ensino, via *link* PROAVI.) No nível docente, os dados providos aos professores podem ser úteis para seus processos

de autogestão, uma vez que o recorte de dados admite muitas combinações, podendo-se considerar curso, turno, disciplina e semestres.

Considera-se ser importante a participação de todos os envolvidos no processo educativo, no entanto, o papel do professor é destacadamente fundamental na implantação de propostas inovadoras relativas ao sistema de ensino. “Sem a conscientização, adesão e participação dos professores,” qualquer iniciativa de mudança fracassará (CASTANHEIRA e CERONI, 2007, p. 723)

Com a intenção de possibilitar aos professores, individualmente e em laboratório, praticar as instruções básicas para acesso aos dados disponíveis, o GT 'Avaliação do Ensino' planejou uma Oficina, oferecida aos docentes no período de Planejamento Acadêmico-Pedagógico do 1º semestre de 2013. Foram definidos como objetivos da oficina: 1. subsidiar os professores com instruções básicas para a obtenção dos gráficos resultantes do processo de Avaliação do Ensino;

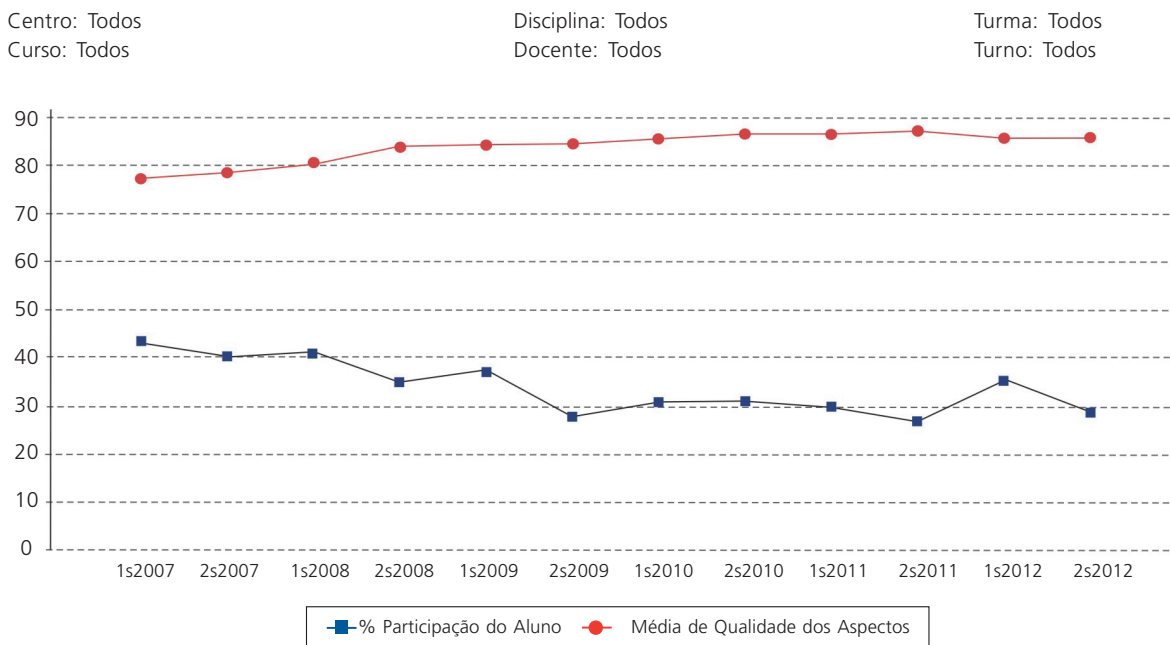
2. propiciar aos professores um momento para a reflexão sobre os seus resultados; 3. favorecer a troca de experiências positivas e bem-avaliadas pelos alunos.

A Oficina foi desenvolvida em três etapas. Na primeira etapa, foi exibida no "telão" a série histórica de resultados gerais da Universidade, por meio da intranet, apresentando os diferentes tipos de gráficos e suas funcionalidades, seguindo os passos a abaixo.

1. Gráfico de Linha - Comparativo Histórico Sintético

Indicou-se que as duas linhas apresentam as médias gerais de qualidade (todos os aspectos ao longo do tempo) e as médias de participação dos alunos.

Comparativo Histórico da Média Geral de Qualidade e de Participação



2. Gráfico de Indicadores de Cores – Qualidade e Participação

Relembrou-se que essa análise é feita com os 19 aspectos, mostrando que é um tipo de relatório mais “útil” para ser usado por gestores. Indicou-se o aumento na porcentagem de qualidade ao longo dos anos, a qual está praticamente estabilizada na faixa de 85% desde 2010, e as oscilações na participação dos alunos.



3. Gráfico de Barra – Comparativo Histórico Sintético

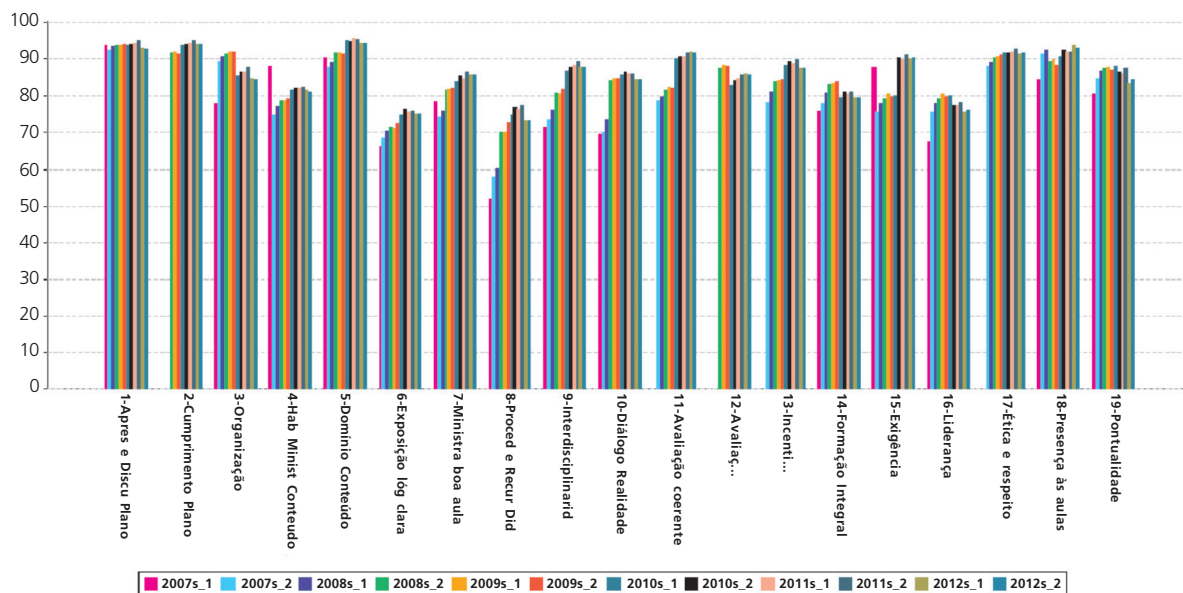
Exemplificaram-se as funcionalidades dos dados existentes, indicando, como elemento de reflexão para o professor, os aspectos que evoluem ou não ao longo da série histórica.

Comparativo Histórico da Média de Qualidade de cada Aspecto

Centro: Todos
Curso: Todos

Disciplina: Todos
Docente: Todos

Turma: Todos
Turno: Todos



4. Gráfico de Barra – Média dos Aspectos por ano/semestre

Mostrou-se a comparação de todos os aspectos ao longo dos semestres e em cada semestre.

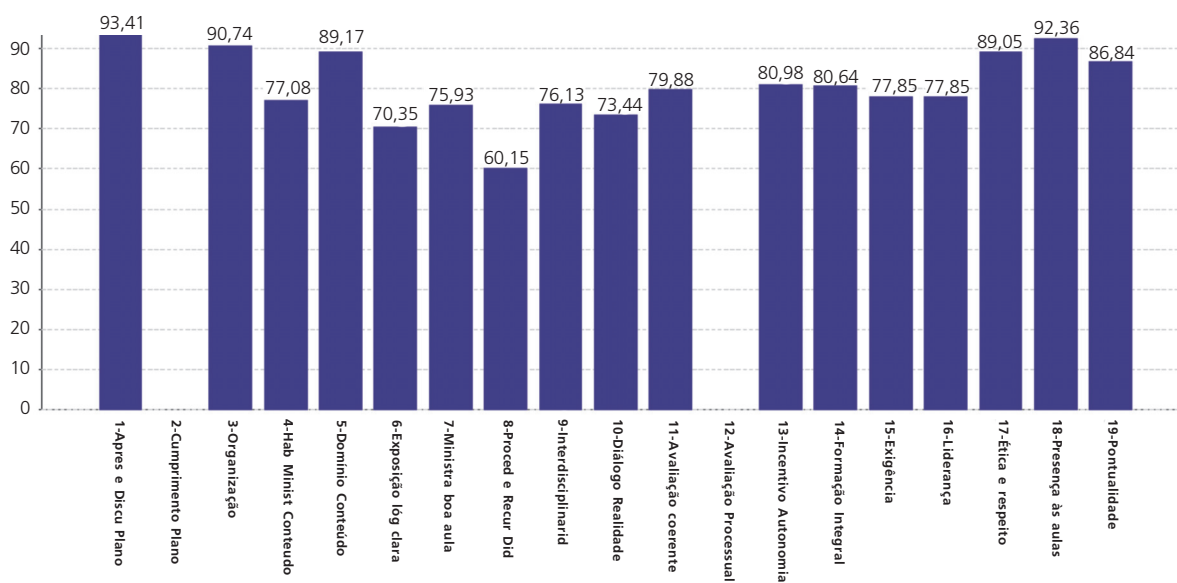
Média de Qualidade de cada Aspecto por ano/semestre

Centro: Todos
Curso: Todos

Disciplina: Todos
Docente: Todos

Turma: Todos
Turno: Todos

1º Semestre de 2008



5. Gráfico de Linha – Comparativo Histórico por Aspecto

Destacou-se que esse é o gráfico que permite maior reflexão para o professor, pois apresenta os resultados por aspectos no decorrer do tempo, a evolução de cada aspecto no período avaliado.

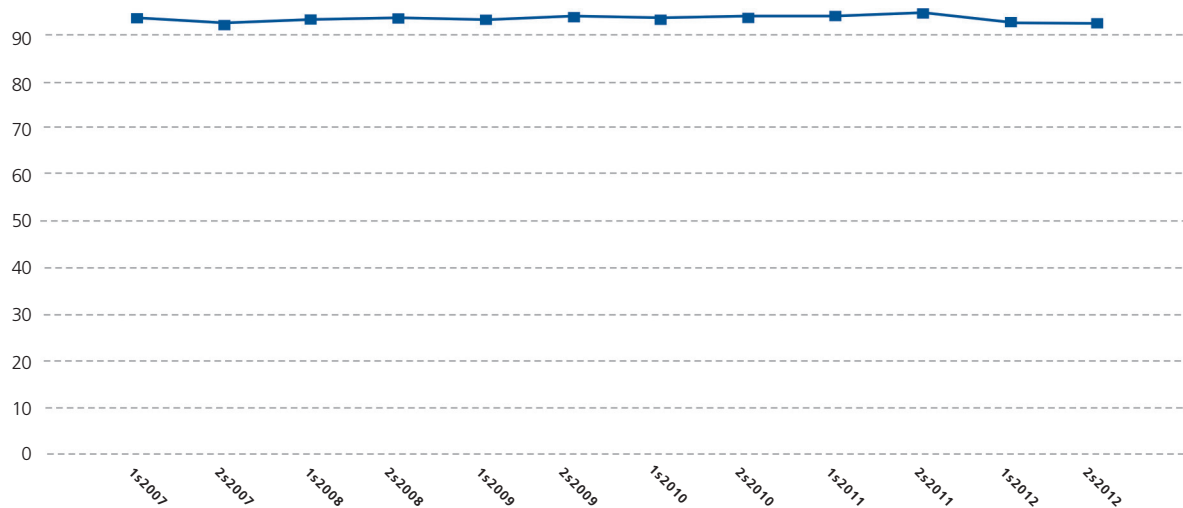
Comparativo Histórico da Média de Qualidade de cada Aspecto

Centro: Todos
Curso: Todos

Disciplina: Todos
Docente: Todos

Turma: Todos
Turno: Todos

Aspecto: Apresentação e Discussão do Plano da Disciplina



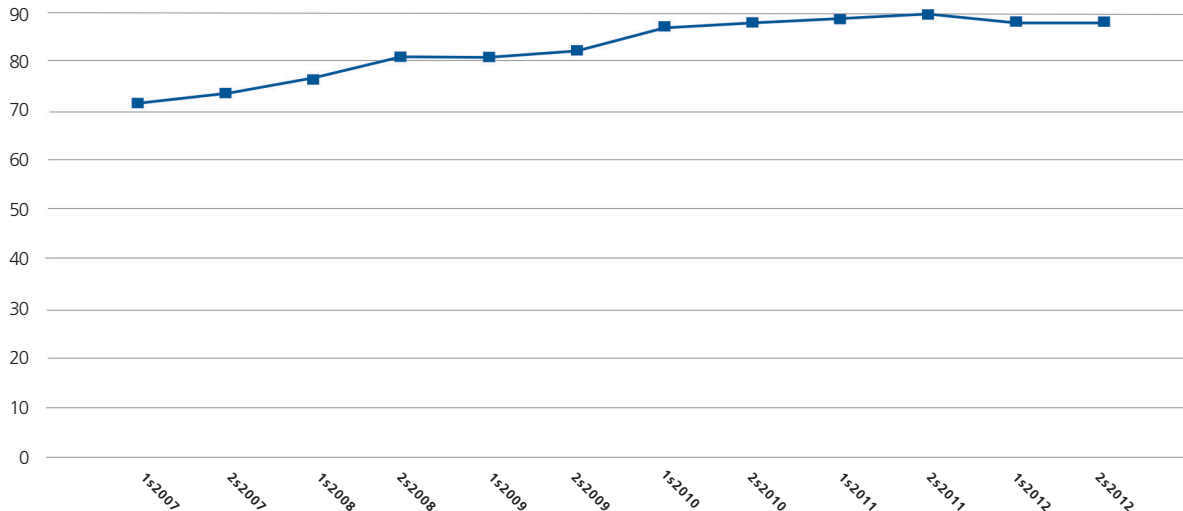
Comparativo Histórico da Média de Qualidade de cada Aspecto

Centro: Todos
Curso: Todos

Disciplina: Todos
Docente: Todos

Turma: Todos
Turno: Todos

Aspecto: Interdisciplinaridade



Na segunda etapa, foi entregue aos professores o roteiro anexo referente às “Instruções Básicas para Obtenção dos Gráficos dos Resultados da Avaliação do Ensino”. Solicitou-se aos professores para acessarem os gráficos dos seus resultados dos primeiros semestres, sugerindo que filtrassem o Centro, Curso e o turno em que desenvolvem sua maior carga horária, ou seja, a maior parte de suas atividades. Pediu-se que, ao observarem os gráficos, identificassem, dentre os 19 aspectos, os dois aspectos mais bem avaliados e os dois aspectos com resultados mais baixos, com maior fragilidade.

A terceira etapa pretendeu garantir a reflexão e proporcionar socialização das experiências docentes. Para tal, foi entregue o roteiro pedindo que cada professor “olhasse” para o seu ponto/aspecto mais forte e redigisse um texto sobre a

prática desenvolvida que o leva a uma avaliação positiva, apresentando a questão: **“O que faço para que seja bem avaliado pelos meus alunos?”**.

A seguir, pediu-se que socializassem seus relatos, sempre focando no ponto forte e não no fraco. Também, foi solicitada uma autorização para que os relatos fossem analisados, o que permitiu a elaboração do presente artigo.

Participaram da oficina 42 professores, dos quais 28 disponibilizaram o texto com a resposta à questão mencionada anteriormente. Esse material foi exaustivamente lido pelos membros do GT, tendo-se como foco principal os 19 aspectos que compõem o instrumento de avaliação.

Ademais, manteve-se a atenção para captar outros aspectos que porventura fossem mencionados pelos professores.

Gráfico 6 - Aspectos Destacados Frente à Questão:

O que faço para que seja bem avaliado pelos meus alunos?



Dessa forma, inicialmente, foi identificada a frequência de indicação dos 19 aspectos, o que está representada no Gráfico 7. Convém destacar que os aspectos contemplados no referido gráfico são aqueles indicados pelos professores que disponibilizaram o texto redigido na oficina, que não necessariamente condizem com os aspectos mais bem avaliados pelo conjunto dos alunos da Universidade.

Nota-se que os aspectos com maior destaque foram o “Domínio do conteúdo” (43%), “Diálogo e Perspectiva com a Realidade” (39%) e “Postura Ética e de Respeito na Relação Professor-Aluno” (29%), mostrando que os alunos consideraram esses pontos uma constante positiva de seus professores, embora citados por menos da metade dos participantes da oficina.

Em contrapartida chamou atenção o pequeno número de professores que evidenciou ser bem avaliado nos quesitos “Proposição e/ou adoção de critérios de avaliação processual” (7%) e “Avaliação coerente da aprendizagem do aluno” (4%), “Ministrar uma boa aula” (7%), “Exposição lógica e clara” (7%) e “Habilidade de ministrar o conteúdo adequadamente e atingir seus objetivos” (7%), mostrando que em meio aos docentes presentes à oficina, não foram itens de destaque apontados pelos alunos ou, entre todos os pontos positivos apresentados ao professor, esses foram pouco valorizados por eles. Nota-se que foram escassos os destaques pelos docentes para esses temas que envolvem a didática em sala de aula. Muitas vezes o professor que leciona no ensino superior não passou por nenhum processo de formação pedagógica, fato esse que pode dificultar uma avaliação positiva feita pelo aluno nesses quesitos.

Vale destacar que, com o intuito de propiciar a qualificação continuada e suprir as necessidades didático-pedagógicas de seus professores, em 2005, foi criado o Programa Permanente de Capacitação Pedagógica. Segundo Mendes e Munhoz (2007), uma das demandas identificadas para o aprimoramento das atividades de ensino foi referente à avaliação do ensino e da aprendizagem. As autoras relatam a experiência de realização de oficinas pedagógicas destinadas a

docentes, especificamente aquelas focando o tema avaliação processual.

Ademais, em 2006, foi constituído, na mesma IES, um Grupo de Trabalho (GT) com o objetivo de fomentar a avaliação processual da aprendizagem nos diferentes cursos da Universidade. Esse GT realizou um amplo diagnóstico dos instrumentos de avaliação adotados na Instituição, como descrito por Pádua (2008). Segundo a autora (p. 17):

A avaliação formativa/processual, que pressupõe o conceito de avaliação como promoção do aluno, requer superar uma cultura de avaliação de longa tradição, em que classificação, verificação de desempenho, rendimento médio uniforme, entre outros indicadores, constituíam a principal ênfase na avaliação dos alunos. Portanto, nessa passagem da concepção de avaliação somativa para a concepção de avaliação formativa/processual, para além dos denominadores comuns que possamos encontrar entre autores, há que se reconhecer a complexidade dessas mudanças.

Ron e Soler (2010) apontam que a avaliação da aprendizagem é um processo de análise e reflexão que deve ser construído coletivamente por todos que nele estão envolvidos, concretizando uma relação de confiança e justiça.

Dessa forma, embora a Universidade tenha em vários momentos apresentado palestras, cursos e oficinas pedagógicas tendo como foco os processos avaliativos, sugere-se que o tema seja incluído a todo semestre, no planejamento acadêmico, uma vez que a temática da avaliação processual é complexa e, por si só, desafiadora.

No processo de análise dos relatos dos professores, também foi possível identificar outros aspectos, além daqueles 19 que integram o Quadro 1. Há menção ao envolvimento do professor com o Projeto Pedagógico do Curso e da Universidade e ao seu compromisso com o curso e com os alunos.

Em especial, há referência a questões de ordem pessoal, com grande ênfase no que se refere à preocupação constata com o aprimoramento profissional e pessoal (citado por 25% dos

docentes que responderam à questão). Há destaque ao fato de a busca de atualização depender do esforço do professor, ao dedicar-se à pesquisa e ao estudo, tanto na sua área específica quanto em conhecimentos gerais.

A segurança com que o docente realiza seu trabalho também é mencionada. Também, é citado o “amor à profissão”, o “gosto em dar aula”, o relacionamento estabelecido com o aluno de forma horizontal; à flexibilidade e bom humor. Conforme escreve um professor: “O diálogo olhos nos olhos é a melhor metodologia”.

Considerações finais

Os processos avaliativos podem servir como um processo de “despertar para tal”, como sugerem Rodrigues, Barbosa e Blois (2006). Os autores afirmam que parece plenamente apropriada a associação entre avaliação institucional e formação dos docentes.

Não há dúvidas de que a avaliação docente pode ser uma importante ferramenta para o processo de formação continuada de professores. Porém, como assinalam Castanheira e Ceroni (2007):

“Para que se possa implantar um processo de avaliação docente com sucesso é preciso realizar uma sensibilização de todos os envolvidos. Deve estar claro para o corpo docente que o objetivo da avaliação é a melhoria e não a punição e, para os alunos, a importância de sua opinião (que deve ser a mais justa possível e não um ajuste de contas, para que possam contribuir para a melhoria de sua formação” (p. 725).

Também é importante retomar a afirmação de Abrantes e Valente, (1999 *apud* Mendes *et al*, 2009) que o processo de avaliação, com o objetivo de prover o desenvolvimento da Instituição, do professor e do próprio aluno é muito complexo e não se esgota nesse processo de avaliação nem tampouco em uma única ferramenta de avaliação. O que se quer mostrar aqui é que coletando esses dados e refletindo com os professores obtém-se

informações para ir em busca desse objetivo. Esse processo deve ser coletivo, colaborativo e participativo de forma a garantir cada vez mais a eficácia das ações que são tomadas baseadas nele.

Os professores da PUC-Campinas têm fornecido informações que permitem afirmar que a análise dos dados da série histórica tornou-se um importante instrumento para o aprimoramento do trabalho docente e para a melhoria da qualidade de ensino na Instituição. Indubitavelmente, os resultados do processo de Avaliação do Ensino, sistematizam indicadores da qualidade do trabalho docente e, nesse sentido, representam um expressivo ganho para as ações docentes e, consequentemente, para a formação dos estudantes.

Com as informações coletadas com os estudantes talvez possa se cantar no processo de condução do ensino e aprendizagem como afirmava Adélia Prado na frase de introdução desse artigo, pois as inúmeras transformações da sociedade exigem transformações no ensino.

Referências

- CASTANHEIRA, A. M.; CERONI, M. R. Reflexões sobre o processo de avaliar docente contribuindo para a sua formação. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**. SP: RAIES; Sorocaba, SP, Uniso; v.12, n.4, p.719-737, 2007.
- LEMONS FILHO, A.; BARIANI, I. C. D.; FRANÇA, C. M.; TREVISAN, C. L.; GRANJA, I.; RODRIGUES, K. R. M. R.; PÁDUA, E. M. M. de Avaliação Docente: Análise Da Serie Histórica De Resultados Considerando Os Aspectos Avaliados. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**. SP: RAIES; Sorocaba, SP, Uniso.
- MENDES, G. S. C. V.; MUNHOZ, A. M. H. Instrumentos de Avaliação Diversificados: Um Aspecto da Avaliação processual do Trabalho Pedagógico. **Série Acadêmica**, PUC-Campinas, n. 22, p. 29-41, 2007.
- MENDES, J. F.; RAMOS, S. C.; CARVALHO, G. de M.; GIMENEZ, F. A. P. Avaliação da Prática docente: Um olhar a partir da cognição dos estudantes. IX Congresso Nacional de educação – EDUCERE; III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCPR, 2009. Disponível

em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere> 2009. Acesso em 07 de novembro de 2013.

MEYER JUNIOR, V.; BARBOSA, V. M. Avaliação Docente: contribuição para a qualidade das Instituições de Educação Superior. **UNirevista**, São Leopoldo, RS; v.1, no 2, p. 1-12, 2006.

PÁDUA, E. M. M. de Avaliação Processual e Prática Pedagógica: Desafios para o Cotidiano da Sala de Aula. **Série Acadêmica**, PUC-Campinas, n. 23, p. 15-29, 2008.

POLIDORI, M. M.; FONSECA, D. G. da; LARROSA, S. F. T. Avaliação institucional participativa. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**. SP: RAIES; Sorocaba, SP, Uniso; v.12, n.2, p. 333-348, 2007.

PRADO, A. **O coração disparado**. Rio de Janeiro, Guanabara, Civilização Brasileira 1987.

RODRIGUES, F. de P. M.; BARBOSA, C. I. V.; BLOIS, M. D. O Processo de Avaliação Institucional como Multiplicador de Iniciativas para o Aperfeiçoamento Docente – 1ª Parte. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**. SP: RAIES; Sorocaba, SP, Uniso; v.11, n.2, p. 151-166, 2006.

RON, R. R. D.; SOLER, E. M. Planejamento de ensino e avaliação da aprendizagem para Cursos estruturados com base em competências. **Revista Eletrônica de Educação e Tecnologia do SENAI-SP**. ISSN: 1981-8270. v.4, n.8, mar. 2010.

SANTOS, BOAVENTURA DE SOUZA. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo, Editora Cortês, 7ª Edição, 2010.